

A democracia e a pandemia



Gaudêncio Torquato (*)

O planeta está assustado com a pandemia da Covid-19.

Países grandes e pequenos, pobres e ricos, estendem os olhos aos laboratórios científicos na ânsia de receber respostas de vacinas que entram na fase 3 do teste. Mas, na paisagem das nações, uma questão se impõe: que ajustes poderão ser feitos após a crise sanitária nos sistemas democráticos? Haverá evolução ou as regras continuarão as mesmas? O tema merece reflexão.

Começamos com uma introdução histórica. A democracia de Aristóteles tem mudado de feição. O filósofo concebida a política como a responsabilidade do cidadão em relação à polis. Os habitantes submetiam-se a uma missão, não entendiam a política como profissão. Na Ágora, praça central de Atenas, a democracia nascia sob o clamor das demandas populares. Plantava-se a árvore da democracia direta.

Ao correr dos tempos, o Estado substituiu o absolutismo dos monarcas pelo espaço da República. O poder imperial cedeu lugar ao poder popular. Um poder arraigado no Estado moderno pelo ideário da Revolução Francesa, cujo escopo abrigava o governo representativo, as liberdades, os direitos e os deveres dos cidadãos nos campos da expressão, produção e comércio.

O conceito firmou-se como axioma de Abraham Lincoln: "a democracia é o governo do povo, pelo povo, para o povo". Mas ciclos de crise se sucediam abalando os fundamentos democráticos, inclusive em nações avançadas, corroendo as frentes da representação. Os três poderes, arquitetados pelo barão de Montesquieu como forma de se obter harmonia e independência entre eles, passaram a vivenciar tensões.

Certa interpretação de tarefas começou a azedar as relações entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Desvios se acentuavam, a ponto de o chamado presidencialismo de coalizão ser frequentemente acusado de presidencialismo de cunho imperial, como é o nosso caso, em razão de o Poder Executivo usar o "poder da caneta" para negociar a governabilidade.

Sob outro prisma, os conjuntos representativos desviaram-se de seus papéis, a ponto de Norberto Bobbio ter dado forte puxão de orelhas ao acentuar que a democracia não tem cumprido suas promessas, entre as quais a educação para a cidadania, a transparência, o acesso de todos à justiça e o combate ao poder invisível.

Dito isto, ingressemos na atualidade. Os problemas emergem em escala geométrica, corroendo as áreas da saúde (veja-se atual pandemia que devasta nações), da educação, da mobilidade urbana, da segurança pública, da habitação, do saneamen-

to básico, entre outras. No campo da sustentabilidade ambiental, a irresponsabilidade campeia, rasgando a terra, queimando florestas, destruindo riquezas naturais.

Países perdem o bonde da história ao não acompanhar os avanços civilizatórios. Conflitos étnicos e religiosos explodem em todos os quadrantes. O comércio e o poder competitivo das potências intensificam quere-las, como essa entre a China e os EUA, uma espécie de segunda guerra fria. Até consulados são fechados.

Esse é o panorama que acolhe a pandemia da Covid-19. O que acontecerá na textura democrática após a crise? A resposta tem a ver com o estado d'alma sociedade mundial. Já vem de algum tempo um sentimento de contrariedade dos cidadãos em relação aos políticos. Tal contrariedade abriga rancores, ódio, indignação, a denotar desprezo pelos governantes.

O sentimento tem se propagado nos últimos anos, como se observa nos conflitos que cercaram a primavera árabe, em 2010, abrangendo Tunísia, com a derrubada do ditador, e se estendendo pela Líbia, Egito, Argélia, Iêmen, Marrocos, Bahrein, Síria, Jordânia e Omã.

Em finais de 2011, um movimento chamado Occupy London, ao lado da catedral St Paul, chamava a atenção por reunir uma multidão numa das capitais mais democráticas do mundo. Pouco tempo depois, em 2012, foi a vez de Washington ver instalado o Occupy Wall Street, que pedia mudanças no sistema financeiro. Culpavam-se os governantes por problemas, como poluição, tratamento cruel contra animais, desigualdade social.

No Brasil, tivemos as grandes manifestações de junho de 2013, empuxo do impeachment da presidente Dilma. O fato é que, de uns anos para cá, a sociedade passou a ter participação mais ativa na política. Nos horizontes, vislumbra-se um poder centrípeto – das margens para o centro – revigorando as estacas da democracia participativa. Esta é, portanto, uma tendência a ganhar força nos tempos pós-pandemia.

Novos polos de poder se multiplicam aqui e alhures, usando estruturas de entidades intermediárias, como associações, sindicatos, federações, núcleos, setores, movimentos. Infere-se, assim, que o poder político tende a ser mais descentralizado, fortalecendo a ideia de um sistema compartilhado com o povo.

Já a nossa democracia atravessa gargalos: a pobreza educacional das massas; a perversa disparidade de renda entre classes; o sistema político resistente às mudanças; um governo ortodoxo e a manutenção de mazelas históricas.

(*) - Jornalista, é professor titular da USP, consultor político e de comunicação Twitter@gaudtorquato. Acesse o blog (www.observatoriopolitico.org).

Dicas para quem quer trabalhar com tecnologia ainda em 2020

Quando se fala em trabalhar com tecnologia, o que pode vir à mente é uma formação acadêmica em TI ou áreas afins

Fabio Camara (*)

Sem dúvida, a graduação é uma etapa importante, mas para o Grupo FCamara (www.fcamara.com.br) - maior empresa consultoria de TI em soluções digitais - não é algo crucial para quem um profissional de tecnologia seja contratado. A empresa forma os próprios profissionais há 10 anos com o Programa de Formação Online que não exige ensino superior dos candidatos.

Fabio Camara, que é TECH CEO do grupo, explica em cinco dicas os principais requisitos para quem quer trabalhar com tecnologia ainda em 2020. No início da primeira década, o empresário foi o 3º profissional mais certificado da América Latina e tem experiência com formação de profissionais de tecnologia que hoje estão ocupando altos cargos dentro e fora do país. Confira as dicas:

1. Soft skills estão ganhando cada vez mais importância

Soft skills são competências de aptidão e personalidade, que não são exatamente adquiridas pelo currículo, e sim pelo perfil. Estas habilidades são fundamentais no futuro para criar processos, produtos e sistemas com uma boa experiência do usuário. "O currículo a gente adapta, aprende, mas a personalidade não. É necessário que o candidato saiba se relacionar com times e entenda que pessoas são mais importantes que processos", explica.

2. Adaptabilidade para trabalhar em diversos cenários

O isolamento social colocou mais de 600 colaboradores da empresa para trabalhar em home office por tempo indeterminado. Novos hábitos de check up, sistemas de gestão e até contratação foram criados. "O candidato precisa se preparar para mostrar em uma seleção remota o mesmo que mostraria presencialmente. Assim como entender que trabalhar em casa não é férias, as responsabilidades são as mesmas".



Freepik

“O candidato precisa se preparar para mostrar em uma seleção remota o mesmo que mostraria presencialmente.”

3. Líderes precisam ser acessíveis e, efetivamente, líderes

Se seu objetivo é um cargo de liderança em tecnologia, atenção à liderança. Empresas não podem colocar seus líderes e diretores em um pedestal inacessível para o restante dos funcionários. Na FCamara, todos têm acesso ao WhatsApp do fundador, marcam sessões de coaching com ele e podem encontrá-lo trabalhando a seu lado, já que Fabio não tem sala nem mesa fixa. "Se as pessoas não têm acesso a quem lidera a visão da empresa, como irão pensar e conduzir projetos? Ser líder é ser acessível".

4. Estilo de vida alinhado com seus objetivos

Ninguém chega ao sucesso tendo comportamentos inadequados. É necessário exercitar a diplomacia. Os líderes são excelentes negociadores e diplomáticos. Exemplo: o que faz a bolsa de valores cair ou subir? A relação de confiança no mercado e nas pessoas. "O mercado funciona baseado numa psicologia de relação de confiança e assim deve pensar o profissional".

5. Pessoas e cultura x cultura e pessoas

A tecnologia não é o grande fator que impulsiona a transformação, a inovação e as mudanças estratégicas na empresa, diz o executivo. Quem impulsiona a mudança é a cultura e os profissionais inseridos nela. "A cultura deve favorecer pessoas que têm vontade de aprender e curiosidade fora do seu campo de atuação. São estas pessoas que vão enxergar o que ninguém vê. Esse profissional se encaixa muito bem no setor de tecnologia", explica.

(*) É CEO da FCamara, contratação e trabalho remotos são formatos que continuarão fazendo parte da vida dos profissionais.

News @ TI
ricardosouza@netjen.com.br

Professor cria canal no YouTube para ensinar Química durante a pandemia

@O docente de Química do Colégio Marista Arquidiocesano, localizado em São Paulo (SP), Matheus Nahas, é o criador do canal do YouTube "Vem de Química bb". No espaço, ele disponibiliza vídeos com aulas sobre diversos temas ligados à disciplina, como Termoquímica, Atomística, Cinética Química, Matéria e suas transformações e muitos outros. Ao todo já são mais de 100 vídeos postados. A vontade de ter um canal no YouTube era antiga. Com a pandemia do novo Coronavírus e a consequente suspensão das aulas presenciais, Matheus começou a "subir" os vídeos que gravava para as aulas a distância (@vemdequimicabb).

Supera Parque abre edital de seleção de empresas para seu programa de incubação

@O Supera Parque de Inovação e Tecnologia, de Ribeirão Preto, está com inscrições abertas para empresas de base tecnológica que queiram participar do seu programa de incubação, realizado pela Supera Incubadora de Empresas de Base Tecnológica. Podem participar desde empreendedores com ideias ainda no papel até jovens empresas já estabelecidas. O edital de seleção está disponível no site do Supera e fica aberto até o dia 5 de agosto. A Supera Incubadora é uma das 20 melhores do mundo, segundo o UBIGlobal (WorldRankings2019/2020), e oferece apoio para que empreendedores viabilizem seus projetos e negócios de inovação. Inscrições: Pelo site <https://gust.com/programs/processo-seletivo-de-projetos-002-2020>. Edital: <http://superaparque.com.br/upload/20200701-110748-Edital022020.pdf>

BenCorp patrocina Programa Scale-up Endeavor Health Teach

@A BenCorp Gestão de Benefícios e Medicina Ocupacional, fundada por Luis Alexandre Chicani, Empreendedor Serial Endeavor, vai patrocinar o Programa Scale-up Endeavor Health Teach, com o obje-

tivo de mapear, apoiar e criar uma comunidade de Scale-ups no setor de saúde – com soluções focadas no consumidor final e em clínicas, hospitais ou planos de saúde. Os segmentos contemplados nos programas serão: serviços de suporte, soluções financeiras / planos de saúde, digital health, prevenção e bem-estar, tratamento e acompanhamento, diagnóstico e prescrição e tratamentos intensivos. O encerramento da aceleração acontecerá em dezembro. O programa promove conexões entre os empreendedores selecionados e a rede da Endeavor, por meio de apadrinhamento e mentoria individual. A aceleração tem início no evento de abertura e diagnóstico, seguida por um cronograma de mentorias coletivas. Na sequência, os empreendedores também tem a oportunidade de trocar experiências e conhecimentos sobre seus desafios de crescimento. Para complementar, a turma acelerada também conta com o apoio e acompanhamento dos patrocinadores do programa.

Marketplace Gonddo apoia empreendedores em parceria com a Systax

@Direcionado a pequenos varejistas de cosméticos, a Gonddo é um marketplace B2B, que busca aprimorar a experiência nas aquisições de produtos para estoque. Conectando marcas com o canal de varejo independente, que representa cerca de 99% do comércio brasileiro, a empresa atua em todo o território nacional e soma aproximadamente 300 clientes associados ao marketplace. Para apoiar os empreendedores usuários da plataforma e apresentar um processo mais transparente relacionado à tributação dos produtos, a Gonddo anuncia nova parceria com a Systax, empresa de inteligência fiscal e única a organizar um acervo com mais de 20 milhões de regras tributárias. Rodrigo Cruz, cofounder e CEO da Gonddo, pontua que a questão da transparência é fundamental para o varejista independente conseguir se organizar. "Nosso objetivo é levar ao cliente o valor da tributação que ele vai pagar sobre determinado produto antes de fechar o pedido, o que pode até parecer simples, mas é uma quebra de paradigma na indústria. Procuramos mostrar o valor da tributação da mesma forma que mostramos o valor do frete, por exemplo", explica (<http://www.systax.com.br/>).

Jerson Prochnow, CEO da Systax.